

Freud (também) explica a educação especial e inclusiva

Simone Caires Côrtes*

A prática educativa na EEI sob a ótica psicanalítica

Um aluno da educação especial e inclusiva (EEI) que consegue, dentro do ambiente escolar, desenvolver-se socialmente (algo que vai muito além da instância conteudista) poderá crescer e tornar-se um adulto emocionalmente estável. Assim, saberá se relacionar com outros adultos e crianças de maneira positiva e em constante diálogo.

É dessa maneira que a psicanálise pode ajudar o educador, permitindo a possibilidade de uma compreensão em profundidade do sujeito, no que ele tem de mais pessoal e de mais íntimo. Para tal, é necessário que a escola não mantenha os alunos numa relação de submissão passiva à autoridade do professor. Este deve lembrar que as dificuldades encontradas pelo aluno, na escola, podem ser de origem afetiva. A relação professor-aluno depende, em grande medida, da maturidade afetiva do professor. Se esta lhe permite resolver suas próprias dificuldades, ele poderá ajudar a criança a viver e a resolver as suas (Varela, 2016, p. 72).

Ou seja, além do aprimoramento profissional e seus constantes estudos, o professor precisa, antes de tudo, desenvolver um olhar sob suas emoções. Um professor emocionalmente maduro, feliz e bem resolvido estará naturalmente mais preparado não somente para se perceber enquanto sujeito, mas também perceber seu aluno EEI como sujeito dono de si e capaz de evoluir.

Essa formação constante não é simples e exige que haja um grande comprometimento para voltar-se para práticas pedagógicas orientadas para a formação de sujeitos. O professor precisa compreender-se como sujeito, assumir sua condição como tal e, a partir desse olhar para si próprio, entender o aluno à sua frente também como um sujeito em formação.

(...) um trabalho com foco não somente na formação do professor, mas na formação da pessoa do professor, ou seja, compreender a construção desses profissionais com base nos processos sociais que vivenciam, para que possam se desenvolver como agentes do processo de construção do conhecimento que leva à formação de sua personalidade, assim como a personalidade dos alunos envolvidos (Varela, 2016, p. 73).

A contribuição da psicanálise para a área da EEI não reside no sentido de proporcionar uma evolução do professor em suas técnicas pedagógicas ou metodológicas, mas de instigar um questionamento frequente sobre essa prática, sua relação consigo mesmo, sua relação com o aluno EEI e a relação do aluno consigo mesmo.

Freud já percebia, nessa interação, a necessidade de uma autoética, consequência de uma autocrítica e autorreflexão. Afinal, professores são uma referência significativa perante seus alunos EEI.

* Graduada em letras/inglês e literaturas (UERJ), português e literaturas (UNESA), especializada em gestão e planejamento escolar (UERJ), linguística aplicada à língua inglesa (UFF), língua portuguesa e multiletramentos (UGF), educação especial e inclusiva (FCE) e transtornos do espectro autista (FCE). Mestra em educação (UniPli) e doutora em psicanálise (Sociedade Paulista de Psicanálise). Professora de língua portuguesa do ensino médio no CMRJ.

Varela (2016, p. 80) aponta

(...) que o fundamento de toda eticidade se encontra exatamente na exigência de não se ferir a dignidade pessoal dos outros sujeitos quando interpelados pela minha ação. Ela (a educação) é lugar onde se faz mais necessária a postura ética, tal o potencial que tem de agredir a dignidade do outro, dos educandos. A exigência de eticidade assume dimensão de radicalidade na prática educativa.

A ética psicanalítica é fundamental porque supõe uma compreensão profunda da subjetividade do outro, o que pressupõe do professor um conhecimento mais amplo sobre as emoções, os comportamentos e as motivações do aluno EEI. Assim, é possível criar um ambiente mais acolhedor, e, portanto, mais favorável ao aprendizado.

Indo além, a ética psicanalítica na EEI contribui para uma formação mais completa da subjetividade do aluno, pois permite a ele desenvolver uma compreensão mais profunda sobre si mesmo, seus relacionamentos interpessoais e suas emoções.

A ética psicanalítica enfatiza o diálogo e a escuta ativa, o que contribui para uma educação inclusiva de fato. Ao dar voz ao aluno EEI, permitir que ele expresse suas opiniões e sentimentos e levá-los em consideração, o professor pode ajudá-lo a desenvolver suas habilidades sociais, emocionais e comportamentais. O respeito mútuo e a confiança são valores essenciais e devem ser cultivados na formação integral dos alunos EEI, pois leva a um ambiente educativo mais humano e acolhedor.

A psicanálise pode desempenhar um papel relevante na EEI, pois se concentra na compreensão do indivíduo como um todo, incluindo emoções, comportamentos e experiências. Alunos EEI podem ter desafios emocionais e psicológicos que afetem o rendimento escolar.

Além disso, a psicanálise ajuda o professor a entender como a história de vida de um aluno EEI pode afetar seu desempenho e comportamento, sendo, portanto, particularmente útil na elaboração do Plano Educacional Individualizado (PEI) de cada aluno. No vasto universo da EEI, não nos faltam teorias, cursos e estudos que nos levem a uma perspectiva cientificista a respeito do tema. Como, porém, unir essa teoria a uma experiência essencialmente humana e singular?

No âmbito da formação de professores, as experiências que se ocupam da escolarização de aluno público-alvo da educação especial são, muitas vezes, conduzidas prioritariamente por uma perspectiva cientificista, indicando uma dificuldade de nos afastarmos do projeto de aperfeiçoamento da humanidade (Fröhlich, Moschen e Vasques, 2018, p. 2).

Sabemos que o encontro com a deficiência pode causar angústia, pois o que está fora, o que está no outro nem sempre é reconhecido como possível. Como nossos olhares percebem e reconhecem sujeitos? Para um professor EEI, a alteridade e o modo de pensar o outro devem ser exercícios constantes. “O ensinar está fundamentalmente imbricado com a ideia, por alguns tomada como compromisso ético, de possibilitar e contribuir para que todos desenvolvam suas capacidades, dando a seus atos significado e importância social” (Fröhlich, Moschen e Vasques, 2018, p. 3).

Em um modelo padrão de ensino, os alunos devem se adaptar às metodologias utilizadas. Um professor, todavia, que possua uma inspiração psicanalítica vai na contramão desse modelo de formação, pois o sujeito deve ser o centro de todo o processo.

Por que desejamos aprender?

A contribuição de Freud na área educacional não é no sentido de ensinar às crianças determinado conteúdo, mas, sim, como compreender as pulsões que movem os indivíduos em direção ao conhecimento. Ou seja, a psicanálise freudiana está mais interessada em entender o porquê da vontade humana de aprender e por que aprendemos com determinada pessoa, e não com outra. Da mesma forma que surgem vínculos capazes de provocar afetos infantis nos pacientes, o mesmo pode acontecer na relação entre professor e aluno. Essa mesma crença também acontece entre a criança e seus pais, que “tudo sabem” e são capazes de protegê-la e orientá-la.

Outro princípio psicanalítico que corrobora essa questão é o conceito de identificação. Freud usou esse conceito para explicar os fenômenos messiânicos que acontecem em grandes grupos, ou seja, uma multidão começa a se comportar do modo que acha que um líder carismático gostaria. Nessa situação, muitos indivíduos renunciam aos próprios prazeres em prol do desejo do líder. Na explicação da educação, é comum que algo semelhante ocorra com o aluno, que se identifica com determinado professor e faz todas as tarefas, estuda com mais afinco etc., em uma tentativa de satisfazê-lo, e, por conseguinte, satisfazer a si próprio. Em muitos casos, o aluno chega a imitar o estilo desse professor, seu jeito de se expressar, de se vestir etc.

De Freud também podemos acrescentar o conceito de transmissão, pois, de certo modo, o professor também a faz. O professor não transmite apenas o conteúdo ou ideias conscientes, mas também seu modo de vida, valores, posicionamento ético e outros. Assim sendo, é preciso que o professor reflita e avalie sua prática constantemente, para evitar uma

transferência “hegemônica” de seus posicionamentos. O professor deve, sim, inspirar, e não apenas “depositar” uma cópia sua no inconsciente do aluno. Esse é um direcionamento ético importante para a docência, especialmente para aqueles envolvidos na EEI.

O bom professor é aquele que estimula e ajuda seu aluno EEI no caminho da independência, quando ele próprio (professor) torna-se “desnecessário”. Cabe ao professor amparar e dar condições de autonomia a esse aluno, que, com o tempo, terá condições de amadurecer e viver uma vida plena. Ao retirar-se desse lugar de transmissão e retirando sua onipotência, esse professor abre para o aluno as portas para um novo mundo e para um novo caminhar.

Um exemplo prático: é muito simples (porém vazio de sentido) ensinar um aluno EEI que 10 menos 8 é igual a 2. Aliás, no mundo tecnológico em que vivemos, é possível que muitos nem precisem de um professor para chegar a tal conclusão (obviamente, dependendo do grau da deficiência intelectual). Logo, o mais adequado seria esse professor auxiliar o aluno a entender que, se ele for ao supermercado com uma nota de 10 reais e comprar um pacote de biscoito de 8 reais, ele deve voltar para casa com o pacote de biscoito e uma nota de 2 reais. O professor do $10 - 8 = 2$ está condenando esse aluno a uma eterna dependência. O professor do segundo exemplo, por outro lado, está ensinando regras matemáticas, mas também regras de socialização e autonomia.

Em resumo, apesar de Freud não ter visado a educação propriamente dita, seus estudos e conceitos nos mostram como funcionam as relações humanas e toda a perspectiva que percebe a educação como um processo relacional humano.

Conclusão

Dentre as inúmeras inquietudes que a EEI suscita, a que se mostra mais relevante é a inclusão que vai além do organismo escolar, e orienta um processo que leve a uma inclusão social de fato. Logo, a educação escolar (formal) não deve representar um fim em si mesma, e sim a primeira ferramenta rumo a um letramento social. Esse letramento deve, assim, contribuir para modificações e ampliações do repertório comportamental e, conseqüentemente, social do aluno EEI.

Hoje já se sabe que a aquisição do conhecimento se dá através das interações entre sujeitos, sujeito e meio, e sujeito e seu conhecimento de mundo. Vygotsky entendia mediação como um processo cultural pela aprendizagem. O autor direcionou-se no sentido de privilegiar o conceito de representação social na mediação interativa entre sujeito e objeto (Vygotsky, 1999b, p. 53).

O autor ressalta a importância da relação com o outro:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (Vygotsky, 1999a, p. 118).

A partir dessas interações contínuas, o aluno EEI poderá adquirir maior facilidade para viver uma vida com maior autonomia social.

A psicanálise pode ser uma ferramenta útil para ajudar os professores a lidarem com as complexidades emocionais e psicológicas que surgem em sala de aula. Por meio da compreensão da dinâmica incons-

ciente que influencia o comportamento humano, a psicanálise pode ajudar os professores a se tornarem mais conscientes de suas próprias emoções e motivações, bem como das emoções e motivações de seus alunos. Com essa compreensão mais profunda, os professores podem desenvolver uma abordagem mais empática e compassiva em relação aos alunos, bem como melhorar a capacidade de gerenciar conflitos e situações desafiadoras na sala de aula.

Além disso, a psicanálise pode ajudar os professores a compreenderem as necessidades emocionais e psicológicas dos alunos com necessidades especiais, permitindo que eles adaptem sua abordagem pedagógica para melhor atender às necessidades desses alunos.

O professor deve se comportar com empatia e muito respeito. Aqui estão algumas orientações práticas para um professor se relacionar com seu aluno EEI:

- uso de linguagem clara e simples: o professor deve evitar termos técnicos e jargões, para que o aluno possa entender com maior clareza;
- estímulo à inclusão: o professor deve promover a interação e o respeito entre todos os alunos;
- adaptação das atividades: o professor deve adaptar as atividades de acordo com as necessidades do aluno, buscando incluí-lo em todas as atividades da sala de aula e estimulando não apenas seu desenvolvimento cognitivo, mas também social e emocional;
- paciência e acolhimento: é importante que o professor entenda que o processo de aprendizagem pode ser mais lento e que o aluno pode ter dificuldades em algumas áreas;
- diálogo com a família: o professor deve manter uma comunicação frequente com a família do aluno,

buscando conhecê-lo e compartilhar informações sobre seu desempenho escolar e desenvolvimento.

O olhar do professor para o aluno EEI deve ser um olhar atento, respeitoso e, acima de tudo, empático. É importante que ele compreenda as dificuldades que o aluno enfrenta e esteja disposto a ajudá-lo a superá-las, criando um ambiente acolhedor. O professor pode adotar atitudes para olhar o aluno EEI de forma mais adequada. Antes de qualquer coisa, é preciso conhecer as necessidades do aluno. Nesse momento, o escutar psicanalítico ajuda esse professor, que deve se informar sobre necessidades específicas do aluno e estar ciente das adaptações que precisam ser feitas para atendê-las. Isso pode incluir adaptações de material, de atividades ou de métodos de ensino.

A valorização do potencial desse aluno é fundamental. É importante que o professor reconheça esse

potencial e esteja disposto a explorar suas habilidades e interesses. Ele deve trabalhar para construir um ambiente que incentive o aluno a se desenvolver, sempre respeitando seus limites. O professor também deve estimular a participação ativa do aluno nas tarefas escolares, criando um ambiente acolhedor e inclusivo, que valorize as contribuições de todos.

O professor precisa manter uma comunicação aberta com o aluno e sua família, ouvindo suas necessidades e preocupações e trabalhando em conjunto para garantir que o aluno receba o suporte necessário. Em resumo, o olhar do professor para o aluno EEI deve ser um olhar que valorize seu potencial, reconhece suas dificuldades e se dedica a criar um ambiente inclusivo e acolhedor.

Referências

CÔRTEZ, Simone C. **Síndrome do X Frágil: Teoria e Prática Escolar**. Curitiba: CRV, 2021.

FRÖHLICH, Cláudia; MOSCHEN, Simone; VASQUES, Carla. **Diálogos entre Psicanálise e Educação Especial: uma Experiência em Formação**. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1738-0.pdf. Acesso em: 17 fev 2023.

FRÖHLICH, Cláudia; MOSCHEN, Simone; VASQUES, Carla. **Psicanálise, Educação Especial e Formação de Professores – construções em rasuras**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/173165>. Acesso em: 20 fev 2023.

FRÖHLICH, Cláudia; MOSCHEN, Simone; VASQUES, Carla. **Educação Especial, Psicanálise e Experiência Democrática**. 2018. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_17_12. Acesso em: 15 maio 2023.

KLEIN, Melanie. **A Psicanálise da Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, Melanie. **A Educação de Crianças à Luz da Investigação Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por Que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SILVA, Aline Maira. **Educação Especial e Inclusão Escolar – história e fundamentos**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

VARELA, Ednaldo. **Psicologia Aplicada de Freud**. São Paulo: Prime, 2016.

VYGOSTKY, L. **Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOSTKY, L. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VYGOSTKY, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.